

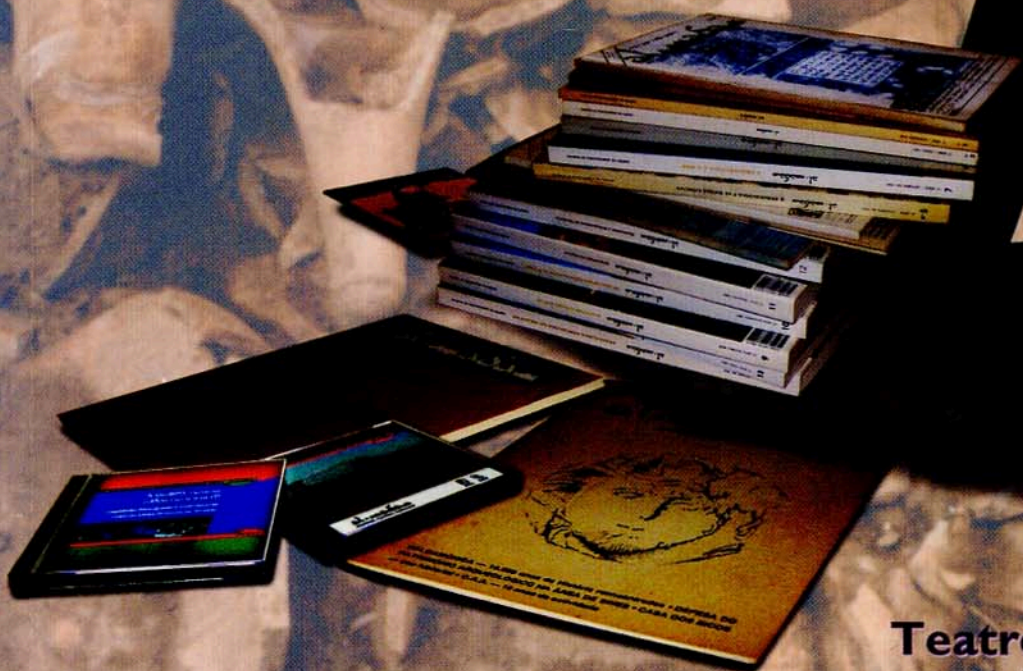
ALMA

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

1982-2007

A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA EM REVISTA

25



**Teatro Romano de Lisboa:
os caminhos da descoberta**

**O Ritual da Cremação
através da análise dos restos ósseos**

**Arqueologia Empresarial
e produção do conhecimento**



1ª Série | n.º 15
Dezembro 2007
12 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA



Fig. 1 - Aspecto geral do "Bastião" V.

A 2 de Julho de 2007 iniciou-se a 10ª campanha de trabalhos arqueológicos no topo da colina de Castanheiro do Vento (Horta de Douro, Vila Nova de Foz Côa), um sítio que genericamente se enquadra no IIIº-1º metade do IIº milénios a.C.

As escavações contaram com a presença da equipa coordenadora, assim como com a participação de arqueólogos de várias nacionalidades e voluntários de diversas proveniências (Austrália, Taiwan, Áustria, Alemanha e Reino Unido). Realçamos a colaboração da Dr.ª Lesley MacFayden (Universidade de Leicester, Reino Unido) e a presença de uma equipa de alunos da mesma universidade (que integraram as escavações em regime de avaliação supervisionados pela arqueóloga referida) ¹.

Durante o mês de Julho foi possível trabalhar em diversos locais do sítio e registar características diversas, não só através da abertura de novas áreas, como pelo regresso a estruturas identificadas e parcialmente escavadas em anos anteriores.

As dez campanhas empreendidas permitiram desenhar um recinto principal, delimitado por três linhas sucessivas de muretes interrompidos por "bastiões" e passagens. Estas estruturas possuiriam um forte sistema de contrafortagem efectuado do lado externo das mesmas, com recurso a lajes e blocos de xisto dispostos perpendicular e transversalmente entre si, imbuídos em terra argilosa compacta, o que permitiria a sustentação destas estruturas de base pétrea e "paredes" em terra crua. Foi também possível identificar diversas estruturas circulares entre muretes, no interior de "bastiões", na interrupção de muretes... delimitadas sobretudo por lajes de xisto fincadas e "preenchidas" com um sedimento argiloso bastante compacto. Também se registaram pequenas estruturas, genericamente circulares ou ovais, geminadas, ao que tudo indica contendo deposições intencionais de fragmen-

tos cerâmicos em articulação com outras materialidades. O topo da colina de Castanheiro do Vento encontra-se, nos seus lados Norte e Oeste, revestido por um talude pétreo que também deveria ter sido coberto com terra argilosa.

A campanha de 2007 iniciou-se pela decapagem da área Sul, com o intuito de continuar o estudo da terceira linha de murete. Em resultado foram detectados dois "bastiões" e uma passagem que interrompe o Murete 3.

O "Bastião" V encontra-se assim integrado na terceira linha de murete e no seu espaço interior foi registada uma estrutura circular definida por lajes de xisto ². Para Sul do "bastião" desenvolve-se uma estrutura de contrafortagem de grandes dimensões e complexidade construtiva. Uma série de alinhamentos pétreos foram elaborados de forma perpendicular ao murete que define o "Bastião" V e encostam à sua face externa. Estes alinhamentos encontram-se dispostos a diferentes cotas e relacionam-se com lajes de xisto colocadas de forma transversal aos mesmos, criando uma espécie de socalcos.

Entre o *terminus* do murete que perfaz o "Bastião" V e o seguimento do Murete 3, detectou-se uma passagem delimitada a Sul pelo final do "Bastião" V (cujo remate de murete apresenta-se genericamente em semi-círculo), e a Norte por uma série de pequenas lajes de xisto fincadas.

A Oeste da entrada identificaram-se possíveis estruturas genericamente circulares, bastante destruídas, definidas essencialmente por blocos e lajes de xisto, onde foi possível exumar uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos.

Após o "Bastião" V, o murete segue em direcção a Norte, inflectindo para Oeste aquando do arranque do "Bastião" W. A relação entre estes dois muretes revelou-se bastante complexa. Muito provavelmente, a intersecção que hoje registamos é o resultado de uma remodelação que se processou até à base das estruturas. O arranque do

Julho de 2007 em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)

notícia da 10ª campanha de escavações arqueológicas

Ana Margarida Vale, João Muralha, Gonçalo Leite Velho e Vítor Oliveira Jorge [Universidade do Porto]



Fig. 2 - Pormenor da intersecção do murete que perfaz o "Bastião" W e o Murete 3.



Fig. 3 - Aspecto geral do "Bastião" W.

"Bastião" W caracteriza-se pela existência de uma grande quantidade de argila entre as lajes basais, e aparentemente parece cortar o final do murete que perfaz o "Bastião" V, sem que seja claro o limite do arranque do "Bastião" W.

Após o "Bastião" W o murete segue para Norte cerca de quatro metros, perdendo-se em seguida a cerca de dez metros da "Torre Principal". Este facto poderá ser explicado pelos trabalhos agrícolas que decorreram de forma mais intensa nesta plataforma e terão conduzido à destruição das estruturas nesta área. Aliás, neste local, o solo agrícola assenta quase imediatamente no afloramento rochoso.

No entanto, foi possível registar entre o afloramento um pequeno "nicho" constituído por um fragmento de dormente em granito, pequenas lajes de

xisto azul, bastantes fragmentos de barro de revestimento, pequenos blocos irregulares de quartzo de filão e uma enxó em anfíbolite.

Outra área de intervenção foi a designada "Torre Principal", cujo estudo se iniciou na campanha de 2005. Procedeu-se ao desmonte das estruturas de contrafortagem nas áreas Sudoeste, Sul e Este da estrutura, prosseguiu-se a análise de uma entrada na estrutura localizada no seu lado Leste e empreendeu-se a escavação na área do murete que arranca da Torre em direcção a Sul.

Colocamos a hipótese de esta estrutura ter sido num primeiro momento um bastião integrado no Murete 3, e que posteriormente sofreu profundas alterações, passando a possuir uma forma genericamente circular, em deter-



Fig. 4 – Vista geral sobre a “Torre Principal” e, em primeiro plano, o murete que arranca desta estrutura em direcção a Sul (possível continuação do Murete 3).

minada altura pode ter-se transformado numa estrutura maciça, ou seja, o seu espaço interior foi ocultado pela petrificação do que anteriormente seria um espaço passível de circulação.

Ainda entre o Murete 2 e o Murete 3 foi detectada uma estrutura circular (n.º 27), delimitada por lajes de xisto fincadas e com um enchimento constituído por um sedimento amarelo, argiloso, bastante compacto.

Finalizando, a descrição dos resultados provenientes das escavações em Castanheiro do Vento durante a cam



Fig. 5 – Estrutura Circular nº 27, localizada entre o Murete 2 e o Murete 3.

panha de 2007, deverá articular-se com outros textos acerca do sítio, e ainda que este não seja o espaço para desenvolver as reflexões que este nos sugere, deixamos algumas interrogações, aliadas às descrições feitas anteriormente.

– As estruturas descritas nesta notícia aparecem como objectos quase amorfos, integradas num discurso que privilegiou essencialmente técnicas e materiais de construção. Contudo, não será possível equacioná-las enquanto “*living entities*”, como sugeriu Joanna Brück³, e sem aparecerem desconectadas das vivências dos grupos que passaram por Castanheiro do Vento?

– As estruturas detectadas e registadas no sítio de Castanheiro do Vento parecem também comportar um carácter relacional, como se de uma tea

de materialidades se tratasse. Apesar de em certos pontos específicos nos ser possível descrever relações estratigráficas mais precisas, como no caso do arranque do murete que perfaz o “Bastião” W ou da reestruturação da “Torre

Principal”, equacionamos se será objectivo do arqueólogo elaborar sequências de construção e basear os seus estudos num tempo cronológico, ou não deverá o tempo das suas narrativas ser essencialmente interpretativo, atento aos possíveis tempos de vivência de um sítio, num entrelaçado de tempos, dos nossos e dos que cremos que de alguma forma se encontram materializados no processo de formação e transformação das paisagens que estudamos? 🐣

¹ Esta campanha não pode contar, infelizmente, com a participação de alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Porto (como se tem verificado todos os anos), por motivos que se prendem com a falta de verbas para o projecto de Castanheiro do Vento, no qual nos empenhamos desde 1998. No entanto, acorreram ao sítio participantes de diversas nacionalidades, a quem agradecemos o empenho e entusiasmo, o que possibilitou a vivência de uma nova experiência em Castanheiro do Vento. O facto de concorrerem no sítio pessoas diversas, com diferentes *backgrounds*, ajudou à reflexão do nosso próprio trabalho enquanto arqueólogos, à forma como comunicamos o sítio e como interagimos entre nós e com os outros.

² No entanto, não se procedeu à sua escavação pois, relembramos que, a metodologia empregue privilegia a decapagem do topo da colina, a fim de obter a morfologia geral do sítio, em detrimento da escavação em profundidade.

³ BRÜCK, J. (2001) – “Body Metaphors and Technologies of Transformation in the English Middle and Late Bronze Age”. In BRÜCK, J. (ed.). *Bronze Age Landscapes. Tradition and Transformation*. Oxford: Oxbow Books, pp. 149-160.

⁴ Ver BARRETT, J. (1999) – “The Mythical Landscapes of British Iron Age”. In ASHMORE, W. e KNAPP, A. B. (ed.). *Archaeologies of Landscape*. Blackwell Publishers, pp. 253-265; INGOLD, T. (2000) – “The Temporality of the Landscape”. In *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, pp. 189-208.

Intervenções da Era-Arqueologia, S.A. em 2007

Maria João Jacinto, António Valera, Ângela Ferreira, Iola Filipe, Manuela Coelho, Marina Pinto e Sandra Brazuna [ERA Arqueologia, S.A.]

Da actividade arqueológica desenvolvida pelo Departamento Técnico da Era durante o ano de 2007, destacam-se os trabalhos realizados em necrópoles como no Recolhimento de São Gonçalo (Angra do Heroísmo), no Museu de São Roque (Lisboa), em Algodres (Fornos de Algodres), na Sobreira de Cima (Vidigueira), e os trabalhos de diagnóstico efectuados no âmbito de projectos de requalificação urbana.

1 (Fig. 1) – No âmbito do acompanhamento no Recolhimento de São Gonçalo (Angra do Heroísmo), foram identificados vários testemunhos arquitectónicos da evolução do edifício, desde a sua fundação em meados do século XVI até à actualidade, bem como uma necrópole.

A necrópole, provavelmente associada a uma igreja que anteriormente existia no local, caracteriza-se pela existência de várias sepulturas escavadas no tufo vulcânico, onde foram depositados cerca de 43 indivíduos e 22 ossários.

Do espólio existente destacam-se algumas moedas e medalhas, porém nenhuma directamente associada aos enterramentos, o que não permite aferir uma cronologia precisa – estima-se que estes contextos remontem ao século XVI.

2 (Fig. 2) – Durante os trabalhos de minimização de impacto da remodelação do Museu de São Roque (Lisboa), foi identificada uma necrópole possivelmente associada ao espaço religioso em anexo – a Igreja de São Roque.

Em 1506, Lisboa foi assolada por uma epidemia de peste de grandes dimensões, da qual surgiu a necessidade de improvisar um cemitério fora das muralhas, ao lado do qual D. Manuel mandou construir a Ermida de São Roque, datada de 1509. De acordo com alguns autores, este cemitério localizou-se onde hoje é a Santa Casa da Misericórdia, no espaço anexo à Igreja de São Roque. Em 1553, os Jesuítas, já no reinado de D. João III, fixaram-se em São Roque, e dois anos depois iniciam as obras de um novo templo, que ficaram concluídas em 1580.

Foram identificados 82 esqueletos e 13 ossários, em valas individuais escavadas nas argilas locais. Na sua maioria seriam indivíduos do sexo feminino em idade adulta.



Fig. 1